



Passarinho não se reelegeu. Teotônio, doente, saiu das eleições mas é considerado o grande vitorioso

Os ausentes notáveis da próxima legislatura

Teresa Cruvinel
da Editoria Política

Nestes últimos dias da legislatura, as cenas de reencontro entre parlamentares de outros Estados se alternam entre abraços efusivos pela vitória ou o discreto consolo pela derrota. "Será um congresso brilhante", falam alguns, referindo-se à futura composição das duas Casas, que estarão recheadas de políticos anistiados, de políticos experimentados, um renomado sociólogo como Fernando Henrique e muitos estreantes com um lastro promissor. Entretanto, alguns abraços de consolo são mais estreitos, representando o sentimento de perda, para a Casa, de indiscutíveis talentos políticos que a prática da democracia retira do Congresso.

São os ausentes notáveis, que representam pela última vez seu papel, pelo menos nessa legislatura. Quem sabe daqui a quatro anos?... Entre estes estão os candidatos natos que não se reelegem, outros que tentaram cargos executivos ou um salto para o Senado e ainda os que se afastam por motivos não políticos. Nesse caso, está por exemplo o senador Teotônio Vilela, capturado por uma doença implacável que o levou a abdicar da candidatura. Ainda no Senado, estarão ausentes dois grandes talentos de oratória e erudição: Paulo Brossard e Jarbas Passarinho. Embora em posições políticas antagônicas, um é oposição e o outro é governo, ambos cumprem o doloroso dever de obedecer à voz das urnas, retirando-se de cadeiras que ocuparam por oito anos, exercendo cada um a seu modo, o seu papel. Para o lugar de Brossard vem o pedessista Carlos Chiarelli e para a cadeira de Passarinho o peemedebista Hélio Gueiros, caso continue se confirmando a vitória do PMDB no Pará. Revezes da política.

Ainda no Senado, de repente, a constatação de que aquela Casa sofrerá uma renovação muito mais substancial do que a Câmara. Dentre todos os que tentaram a reeleição, só três conseguiram, até agora, manter o lugar conquistado há oito anos: Saturnino Braga, que volta agora pelo PDT-RJ, Itamar Franco, PMDB-MG e Luiz Viana Filho, pelo PDS-BA.

Na Câmara, ninguém deixa de lamentar por exemplo a perda do deputado Getúlio Dias, com seus gestos largos e sua gravata vermelha. Ou de lastimar a ausência de Alceu Collares, sempre disposto a conversar com a imprensa, ambos vítimas de um sacrifício quase voluntário em função da construção do PDT no Rio Grande do Sul. Do Rio de Janeiro, Modesto da Silveira e Marcelo Cerqueira, do PMDB ideológico, marcarão ausência. Da parte do PT, que de cinco deputados só reelegêra Ailton Soares, o grande ausente será Freitas Diniz (MA), além do irriquo Evandro Carreira, que não volta ao Senado. Para os jornalistas, será especialmente lamentável a falta de Audálio Dantas, que se notabilizou pela defesa da categoria e de políticas de comunicação alternativas. Para o KMDP, perda irreparável será Odacir Slein, também sacrificado na chapa de Simon como vice-governador.

Outras ausências serão também apontadas e para muitos trarão algum alívio. O senador Dirceu Cardoso (PMDB-ES), por exemplo, não irritará mais



Brossard: discursos brilhantes

o plenário com sua obstinada determinação em bloquear os empréstimos externos. E o deputado e ex-secretário de segurança de São Paulo, Erasmo Dias, perderá a oportunidade de fazer descabidos discursos anticomunistas com o dedo em riste.

O CAMINHO DOS DERRROTADOS

Ausente notável será sem dúvida o senador Teotônio Vilela. Mas há unanimidade em considerá-lo vitorioso. Vitimado pelo câncer, que ele faz questão de pronunciar com todas as letras, o senador alagoano retirou sua candidatura ao governo de Alagoas, submeteu-se a uma cirurgia no exterior e ainda se submeteu a um rigoroso tratamento. Nos últimos dez dias de campanha, conseguiu licença dos médicos para exercitar o maior prazer de sua vida: a política. Falou em vários comícios, viajou e tudo fez para eleger José Costa a governador. Divaldo Suruagy, do PDS, foi mais forte, mas em sua primeira entrevista como governador eleito fez uma reverência a Teotônio: "Ele é um monumento político de Alagoas. Nós o consideramos acima dos partidos". Filosofia à parte, Teotônio está em Brasília, recebendo muitos abraços e votos de recuperação: "Hei de me curar", fala com convicção. Seu destino, enquanto for possível, é fazer política. Ontem ele concedeu uma entrevista coletiva e almoçou com os jornalistas, falando mansamente, para ouvidos atentos e reverentes.

O senador Jarbas Passarinho, que também é coronel, tem todavia uma longa trilha parlamentar, agora interrompida por força das urnas. E senador desde 1967, foi governador nomeado do Pará e duas vezes ministro: do Trabalho (governo Costa e Silva) e da Educação (Médici). Há dois dias, quando a dianteira de Jader Barbalho sobre seu candidato Osiel Carneiro, mostrou-se irreversível, a admisão da derrota veio por palavras: "todo homem público tem um momento de derrota. Esse é o meu". Confundido com o próprio governo que representa, Passarinho é tido como um dos melhores intelectuais da direita, mas há

unanimidade em reconhecer que o Senado perde um grande orador e um hábil articulador. A derrota, entretanto, poderá não ser coisa de momento, e talvez o fim da carreira do rei do Pará. O Major Curió, que obteve expressiva votação, ameaça substituí-lo no comando político do Estado, promovendo inclusive a reconciliação de Alacid Nunes com o governo federal.

Brossard também virá a Brasília e provavelmente faça um último e brilhante discurso, com os gestos largos e a linguagem lapidada. De formação conservadora, Brossard revelou-se um senador liberal. Ao longo desses oito anos, seus discursos geravam um ritual de expectativa. Foi assim em todos os discursos contra o autoritarismo, plenos de metáforas brilhantes e até mesmo num dos últimos desse ano, onde declarou que a mão oferecida pelo presidente Figueiredo continuava vazia. Já era um discurso fora do lugar. Daqui a quatro anos, talvez ele não dispute mais a reeleição, encerrando sua carreira na banca de advogado que reabrirá em Porto Alegre.

Aliás, Porto Alegre terá um elevado crescimento de escritórios de advogados, encabeçados por políticos notáveis. Alceu Collares e Getúlio Dias prometem continuar fazendo política e organizando o PDT, mas sobreviverão do exercício da profissão. Collares, nesses dias que lhe restam em Brasília, não se cansa de falar sobre o projeto do PS, o socialismo moreno, e de chamar a um grande debate nacional. Entre um e outro comentário, avalia a experiência de doze anos na Câmara: "Foi minha universidade. Uma grande escola pública. Aqui aprendi a cada dia".

Getúlio Dias é menos generoso e lamenta que as prerrogativas parlamentares, bem como a correlação de forças da oposição, a seu tempo, tenha sido mais adversa do que promete a próxima. Daqui a quatro anos, contudo, ele disputará novamente o Senado, o mesmo passo que agora custou-lhe a cadeira de deputado.

Amargo também estava Modesto da Silveira: "Isso para quem já enfrentou furacões é brisa leve". Reconhecidamente, Modesto foi um ativo militante, antes de eleito, em prol das liberdades democráticas. Como advogado, defendeu presos políticos, participou ativamente do soerguimento da OAB como porta-voz de parte da sociedade civil, enfim, conhece tempos mais negros. "Nosso sistema eleitoral promove uma filtragem econômica, e eu não sobrevivi à descarga de dinheiro que o PDS despejou no Rio". Além disso, ele indica fatores de natureza interna ao PMDB, como a impopularidade de Chagas Freitas e a concorrência de candidatos na mesma área. E o caso do também derrotado Marcelo Cerqueira. Ambos voltarão a advogar. Em seus lugares, nenhum outro candidato ideológico do Rio, cuja bancada do PMDB ficará composta exclusivamente por chagistas e pelo controverso Márcio Braga, ex-presidente do Fluminense.

Já o senador Evandro Carreira, derrotado na concorrência pelo governo do Amazonas pelo PT, voltou-se contra seu próprio partido, a quem dirigiu um prato de duras críticas. O próximo partido, ele deverá escolher em breve.